
BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**. Coleção Ensaio. São Paulo: AnnaBlume, 1997. 128 p.

O prof. Norval, atualmente diretor da Faculdade de Filosofia e Comunicação da PUC/SP e coordenador de um grupo estruturado há mais de 10 anos no Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da mesma universidade, não permitiu que suas atividades de formador-informador fossem interrompidas. Sempre buscando o novo, já nos ofereceu o curso e o livro de Dietmar Kamper (Ed. AnnaBlume, 1997), pensador alemão que reflete o trabalho neste momento sem-trabalho, onde o ideal seria o não-trabalho.

Nesta obra que resenhamos, reunião de textos apresentados no Brasil e no exterior, prevalece “*a insistência em chamar a atenção para um tipo de enfoque nas ciências da comunicação: aquele oferecido pela Semiótica da Cultura*” (p. 9).

O livro é composto de duas partes. A primeira é dedicada aos temas da Comunicação e da Semiótica da Cultura e a segunda focaliza os fenômenos da Comunicação e da Mídia. Porém, o autor faz questão de afirmar que os textos podem ser lidos separadamente ou em seqüência, em nada comprometendo a leitura e/ou entendimento. Informa, ainda, a recorrência a nomes como Yvan Bystrina, Harry Pross, Vjatcheslav Ivanov, Oliver Sacks e Aleksander R. Luriiá, todos pouco utilizados na área da Comunicação.

A ilustração da capa, por conta de Luciano Guimarães nos remete ao último capítulo do livro, “O animal que parou os relógios: tempo e violência” (p. 113-119). Começaremos por ele.

Subdividido em cinco itens, trata da violência, não de maneira gratuita, mas como denúncia. Reflete sobre a violência dentro de uma sociedade que se torna complexa dia-a-dia. Inicia o texto com a história de Robert W. Taylor, entomólogo que buscou por vários anos uma espécie de formiga e o acaso, em 1977, quando seu carro quebrou na Austrália, o faz encontrar. A questão levantada é a seguinte: Como uma espécie tão frágil conseguiu sobreviver 100 milhões de anos? Exatamente pela fragilidade. Contudo, nossa sociedade é cheia de complexidade e sofisticação. Nessa sofisticação inclui-se um sistema de comunicação eficiente dentro de uma divisão do trabalho.

Dessa espécie de introdução, parte para a violência na sociedade humana, complexa e sofisticada, que cria a juventude como valor e faz da transgressão

seu processo. Transgressão que cria, transforma, avança o social e também traz em seu bojo a violência, a barbárie e a criminalidade.

O tempo avança. E com ele, a “*juvenilização do homem*”. Mas, de todos os homens? Aqui está o ponto. Um item desse capítulo é citação de Pross : “*O poder dos homens sobre os homens principia com a usurpação do tempo de vida*”. Remete aos jogos de Agon que evocam competição, comparação de duas individualidades, de dois símbolos, enfim, “dual por excelência” (p. 117).

Nos jogos de Agon “...*não se quer apenas o próprio tempo de vida, quer-se também o tempo de outras vidas, se possível ainda quer-se experimentar até mesmo o tempo infinito das vidas dos deuses. Daí a nova era dos deuses, permanentemente jovens e poderosos*” (idem). Do tempo ainda fala do seu caráter simbólico e do poder de quem domina e detém tais símbolos. Os homens que usurpam o tempo de vida de outros são aqueles que dominam os símbolos, inclusive o símbolo tempo.

Mas, levantamos uma questão: E o espaço?

Também este é um “...*conceito de alto nível de generalização e síntese que pressupõe um grande fundamento de saber sobre métodos de medição de seqüências (sic) temporais e sua regularidade* (p. 118). O espaço como linguagem revela-se como *locus* da juvenilização. *Locus* privilegiado da ação de vários símbolos culturais. *Locus* da ação do tempo usurpado.

Os demais capítulos do livro ficam por conta do leitor como desafio para verificar a originalidade da interpretação da semiótica da cultura. Poderá verificar, também, os momentos em que o textos foram escritos e onde foram apresentados.

A bibliografia fecha a obra com vários livros em alemão, dificultando o leitor médio brasileiro, mas é um convite para prestar atenção na produção dos pensadores dessa língua.

Para finalizar, algumas questões: quais as conseqüências neurológicas da comunicação? Quais os impactos do processo de compreensão da comunicação no cérebro humano?

A obra ajuda a responder.